

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO

O PODER ABSOLUTO E O CERIMONIAL DA CORTE

DOC. A

O Poder Real

Há quatro qualidades essenciais na autoridade real: em primeiro lugar, a autoridade real é sagrada, em segundo lugar é paternal, em terceiro lugar é absoluta, em quarto lugar está submetida à razão.

Deus estabelece os reis como seus ministros e reina através deles sobre os povos. Os príncipes agem como ministros de Deus e seus lugares tementes sobre a Terra [...]. É por isso que nós consideramos o trono real não como o trono de um homem, mas como o trono do próprio Deus [...].

Decorre de tudo isso que a pessoa dos reis é sagrada, e que atentar contra ela é sacrilégio. [...] Eles são sagrados pelo seu cargo, como sendo representantes da majestade divina, enviados pela Providência para a execução dos seus desígnios. É por isso que São Pedro diz: “Sede submissos pelo amor de Deus à ordem que se estabeleceu entre os homens; sede submissos ao rei como àquele que detém o poder supremo, e aqueles a quem ele dá a sua autoridade são enviados dele para louvor das boas ações e punição das más”. Mesmo quando eles não desempenharem este dever, é preciso respeitar neles o cargo e o ministério. “Obedecei a vossos mestres, não só aos justos que são bons e moderados, mas ainda aos que são impertinentes e injustos.”

Bossuet¹, *A política tirada da Sagrada Escritura*, Livro III, cerca de 1650.

¹ Jacques-Bénigne Benigno Bossuet (1627/1704) – foi um clérigo, pregador e escritor francês. Foi escolhido para tutor do Delfim, filho mais velho de Luís XIV, e com apenas 21 anos foi nomeado bispo de Meaux. Escreveu sobre a origem divina do poder real.

SUGESTÃO DE TRABALHO

1. **Lê** o documento A e seleciona as frases que caracterizam o poder real.

2. Qual te parece ser a opinião de Bossuet sobre o poder absoluto.

DOC. B

IDOLATRAR O REI

Esta idolatria pelo rei, mesmo a simples alegria de o contemplar, manifesta-se a cada instante: “O que me dá um prazer supremo é viver quatro horas inteiras com o rei (...) é o suficiente para contentar todo um reino que deseja apaixonadamente ver o seu amo...”¹

“Ele é como Deus, é necessário esperar a sua vontade com submissão e tudo esperar da sua justiça e da sua bondade sem impaciência, para sermos merecedores...”²

“Sire, longe de vós não se é somente infeliz, é-se ridículo.”³

“O espetáculo mais profundamente revelador é o da missa do rei, na capela, onde a multidão de cortesãos, frente à tribuna real, volta as costas ao padre e ao altar, e parece “adorar o príncipe e o príncipe adorar Deus”.

Herbert Héthivier, “Le siècle de Louis XIV”, Paris, 1980.

¹ Madame Sévigné, 1683

² A Grande Mademoiselle, prima do rei.

³ Marquês de Vardes

SUGESTÃO DE TRABALHO

- 3. Lê** o documento B e descreve os sentimentos que o rei despertava naqueles que viviam na corte. Justifica a tua resposta com expressões do texto.

DOC. C

A IMAGEM DO PODER ABSOLUTO

O retrato representado na figura foi pintado por Hyacinthe Rigaud, cerca de 1701, a pedido do próprio rei Luís XIV. Este é o retrato mais famoso de um rei que, um pouco por toda a Europa, ia servindo de modelo a outros monarcas, como foi o caso de D. João V, em Portugal.

A figura do rei, colocada no centro do quadro, domina por completo a obra, transmitindo a ideia de controlo absoluto. Em cada detalhe da obra são visíveis as insígnias (marcas) sagradas do poder.

Observa com atenção a imagem e lê a legenda seguinte.



Luís XIV

- 1. Sobre os ombros transporta um manto de veludo azul (a cor reservada aos mais altos sacerdotes no Antigo Testamento), bordado a ouro com a flor-de-lis; com o símbolo solar e emblema dos reis de França.**
- 2. No pescoço tem o colar da Ordem do Espírito Santo (uma prestigiada ordem de cavalaria em França).**
- 3. Na cinta tem a espada que representa o poder militar.**
- 4. Na mão direita tem o cetro, símbolo daquele que conduz o povo.**
- 5. Junto ao cetro aparece a coroa, o símbolo máximo do poder do rei.**

DOC. D

MEMÓRIAS DE LUÍS XIV

Enganam-se grosseiramente aqueles que pensam que [as regras de etiqueta] não passam de questões de cerimónia. Os povos sobre os quais reinamos, não podendo penetrar no âmago das coisas, fazem os seus juízos pelo que veem de fora e é quase sempre a partir das precedências e das posições hierárquicas que medem o seu respeito e obediência.

Luís XIV, *Memórias*, II, 15.

DOC. E

ISTO É VERSALHES

A *toilette* da rainha era uma obra-prima de etiqueta; tudo se processava segundo um ritual pre-determinado. A dama de honra e a açafata presidiam à cerimónia, assistidas pela primeira dama de quarto e por duas outras damas. A açafata vestia à rainha o saiote e dava-lhe a combinação. A dama de honra vertia-lhe a água para as mãos e enfiava-lhe a camisa.

Se, por acaso, uma princesa da família real se encontrasse presente enquanto a rainha se vestia, a dama de honra passava-lhe esta última função, mas não o fazia diretamente; nesse caso, a dama de honra dava a camisa à primeira dama do quarto que, por seu turno, a dava à princesa de sangue real. Cada uma das damas observava estas regras escrupulosamente, como fazendo parte dos seus direitos.

Numa manhã de inverno sucedeu que a rainha, que já estava completamente despida, ia pôr a camisa que eu já tinha completamente desdobrada; a dama de honra acercou-se, tirou as luvas e pegou nela. Ouviu-se então uma arranhadela na porta. Esta abriu-se e entrou a duquesa de Orleães: tirou as luvas e aproximou-se para pegar na peça de vestuário; mas como teria sido errado por parte da dama de honra entregar-lha diretamente, esta deu-ma e eu passei-a à princesa. Mais um barulho na porta e entrou a senhora condessa da Provença; a duquesa de Orleães deu-lhe a camisa. Todo este tempo a rainha manteve os braços cruzados sobre o peito, a tiritar de frio... A rainha murmurava: “Que desagradável! Que cansativo!”.

Toda esta etiqueta, embora desagradável, estava de acordo com a dignidade real, que deveria encontrar serviços em todas as classes, começando pelos próprios irmãos e irmãs do monarca. Ao falar de etiqueta, não me refiro à imponência majestática das grandes cerimónias de todas as cortes. Refiro-me às pequenas cerimónias que rodeavam os nossos soberanos nos momentos mais privados, nas suas horas de divertimento, de dor e até durante as mais terríveis enfermidades.

Madame de Campan (1752-1822), primeira dama de quarto da rainha Maria Antonieta.



Quarto de Maria Antonieta.

SUGESTÃO DE TRABALHO

4. **Relê** os documentos C, D e E e explica qual a função da etiqueta na vida da corte e relaciona-a com a “encenação do poder”.